Alexandre Ramos da Silva

O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz para o Leitor Litúrgico

Alexandre Ramos da Silva

O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz para o Leitor Litúrgico

3ª edição, revista e ampliada
2026

Eis as ordenações, as leis e os preceitos que o Senhor, vosso Deus, me ordenou ensinar-vos, a fim de que os pratiqueis na terra aonde ides entrar para tomar posse dela.
Assim, temerás o Senhor, teu Deus, observando todos os dias de tua vida, tu, teu filho e neto, todas as leis e os mandamentos que te prescrevo, e teus dias serão prolongados.
Tu os ouvirás, pois, ó Israel, e cuidarás de cumpri-los, para que sejas feliz e te multipliques copiosamente na terra que mana leite e mel, como te prometeu o Senhor, o Deus de teus pais.
Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.
Do Livro do Deuteronômio

Se ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor teu Deus.
Do Livro do Deuteronômio

Porque ele é o nosso Deus, e nós povo do seu pasto e ovelhas da sua mão. Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como em Meriba, como no dia de Massa no deserto, quando vossos pais me tentaram, me provaram, ainda que vissem as minhas obras.
Do Salmo 94

As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.
Do Evangelho segundo S. João

Portanto, como diz o Espírito Santo: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto, onde vossos pais me tentaram, me provaram, e viram por quarenta anos as minhas obras. Por isso me indignei contra esta geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os meus caminhos. Assim jurei na minha ira: Não entrarão no meu repouso".
Da Epístola aos Hebreus

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo.
Do Apocalipse de S. João

Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, Àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência.
Do Prólogo da Regra de S. Bento

1
A LITURGIA NA IGREJA

A liturgia é o culto solene, público e oficial da Igreja, no qual o próprio Cristo atua por meio de Seu Corpo, a Igreja. É a ação sagrada pela qual os fiéis, unidos ao sacerdócio de Cristo pelo batismo, dão glória a Deus e são santificados por Sua graça (*Sacrosanctum Concilium* [SC],

7; Catecismo da Igreja Católica [CIC], 1069-1070). Como ensina o Concílio Vaticano II, a liturgia é "o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo", no qual "todo o culto público é realizado pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, pela Cabeça e Seus membros" (SC, 7).

A liturgia é também o modo privilegiado pelo qual os fiéis participam do mistério pascal de Cristo. O Catecismo da Igreja Católica destaca que ela "envolve a participação do povo de Deus na obra de Deus" e que, por meio dela, "Cristo continua a obra da nossa redenção na Igreja" (CIC, 1068).

Embora a Eucaristia seja a "fonte e o ápice da vida cristã" (*Lumen Gentium*, 11), a liturgia inclui todas as ações sagradas pelas quais a Igreja expressa seu culto: a celebração dos sacramentos, a Liturgia das Horas, os sacramentais, as bênçãos, as procissões e outros ritos sagrados (CIC, 1113-1116).

A estrutura e a essência da liturgia são ordenadas de acordo com uma tríplice finalidade:

- **Louvor a Deus**: A adoração, a bênção e a ação de graças devidas ao Criador e Redentor.
- **Santificação dos fiéis**: A comunicação da graça divina por meio dos sinais sacramentais.
- **Edificação da Igreja**: O fortalecimento e a formação da comunidade eclesial por meio do culto compartilhado e da proclamação da Palavra (SC, 10; Instrução Geral do Missal Romano [IGMR], 16).

O papel do leitor na liturgia

Neste contexto sagrado, o leitor litúrgico desempenha um papel vital e nobre. Ele se torna a voz humana por meio da qual a Palavra de Deus é proclamada à assembleia. A leitura da Sagrada Escritura na liturgia não é uma mera transmissão de informação, ou uma leitura neutra do texto; é um ato de proclamação, uma manifestação audível da autorrevelação de Deus na história (Bento XVI, *Verbum Domini*, 52).

O Concílio Vaticano II, na constituição *Dei Verbum* [DV], explica que "Cristo está presente na sua Palavra, pois Ele próprio fala quando as Escrituras são lidas na Igreja" (DV, 21). Portanto, a proclamação da Palavra de Deus é um dos momentos mais solenes da liturgia, pois é o próprio Deus que fala ao Seu povo.

O leitor participa da missão profética da Igreja e serve como instrumento do Espírito Santo, por meio do qual a Palavra se torna "viva e eficaz" no coração dos fiéis (Hb 4,12). Isso requer reverência, preparação e uma profunda consciência de que as palavras proclamadas não são palavras humanas, mas a própria Palavra de Deus (1Ts 2,13).

Como enfatizou o Papa Bento XVI, "a Palavra de Deus deve ser proclamada de modo digno da ação litúrgica e claramente inteligível

para todos" (*Verbum Domini*, 59). Isso exige não apenas competência técnica na leitura, mas também interioridade espiritual, preparação orante e consciência do caráter sagrado da tarefa. O Cardeal Robert Sarah reforça que "proclamar a Palavra de Deus exige uma íntima familiaridade com ela, para que possa ser transmitida como um testemunho vivo e não como uma mera recitação" (cf. *A Força do Silêncio*).

O Missal Romano destaca que a proclamação litúrgica não é um simples exercício técnico, mas um verdadeiro ministério: "Os leitores desempenham uma função litúrgica própria, servindo como porta-vozes de Deus para a comunidade" (IGMR, 99).

O leitor, portanto, não se limita a "ler na Missa", mas exerce um ministério litúrgico, enraizado no batismo e nutrido pela familiaridade pessoal com as Escrituras. Este ministério é distinto da pregação ordenada da homilia, mas não é menos importante na economia litúrgica (IGMR, 99; Código de Direito Canônico [CDC], 230,2).

2
A LITURGIA DA PALAVRA NA MISSA

A Liturgia da Palavra é a primeira parte da celebração eucarística, e é marcada pela proclamação solene e pela recepção orante da Sagrada Escritura. Nesse momento, Deus fala ao Seu povo por meio das palavras inspiradas da Bíblia, que são proclamadas em meio à assembleia (IGMR, 29; CIC, 1100-1101).

Este não é simplesmente um momento didático, mas um encontro real com a Palavra viva**,** que é o próprio Cristo (Jo 1,1-14; *Verbum Domini*, 56). Como afirma o Papa Bento XVI, "na Liturgia da Palavra, Deus fala ao seu povo e Cristo ainda proclama o seu Evangelho" (*Sacramentum Caritatis*, 45). Esse caráter cristológico da Palavra reforça sua centralidade na vida da Igreja, preparando os fiéis para a Liturgia Eucarística e criando um itinerário de escuta e resposta que culmina na comunhão sacramental.

A estrutura típica inclui leituras do Antigo Testamento, um Salmo Responsorial, uma passagem dos escritos apostólicos (Atos ou Epístolas) e uma leitura do Evangelho. Segue-se a homilia, na qual o sacerdote ou diácono interpreta e aplica a Palavra de Deus à vida dos fiéis (IGMR, 55; CDC, 767, §1). Este momento da pregação, reservado ao ministro ordenado, destaca a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento e conecta a mensagem bíblica à realidade atual da Igreja.

A ordem das leituras não é escolhida aleatoriamente, mas segue um ciclo litúrgico estabelecido pela Igreja e codificado no *Lecionário*, que por sua vez é regido pelo *Missal Romano* e pelo calendário litúrgico. O uso de um *Lecionário* universal garante que os mesmos textos

bíblicos sejam proclamados em todo o mundo no mesmo dia, reforçando a unidade da Igreja e sua fidelidade à tradição apostólica (SC, 24; *Verbum Domini*, 58).

Ao contrário de certas formas de culto protestante, que frequentemente permitem a escolha do tema e das leituras pelo pastor, a liturgia católica enfatiza a comunhão eclesial e a continuidade doutrinária, aderindo a um ciclo bíblico desenvolvido com coerência teológica e propósito pastoral. Esta disciplina litúrgica expressa a compreensão da Igreja de que ela não possui a Palavra, mas a recebe e a proclama em obediência e fé (CIC, 113-114).

Proclamação, não apenas leitura

A proclamação da Palavra de Deus não é um ato neutro ou privado; é uma ação litúrgica na qual o leitor serve como ministro da Palavra, dando voz ao *Logos* divino. As Escrituras, quando proclamadas com fé e reverência, tornam-se um evento sacramental: a voz de Cristo falando à Sua Igreja (IGMR, 29; *Verbum Domini*, 52).

Esta Palavra não é inerte; é "viva e ativa" (Hb 4,12), a mesma Palavra que chamou a criação à existência e se fez carne em Jesus Cristo. Ela penetra o coração, chama à conversão e nutre a alma. O leitor litúrgico, portanto, não está simplesmente transmitindo uma mensagem, mas *mediando um mistério*.

Como observou o Cardeal Robert Sarah, a proclamação litúrgica da Palavra exige silêncio, reverência e atenção, pois "é Deus quem fala, e nós devemos ouvir" (cf. *A Força do Silêncio*). O Cardeal Francis Arinze reforça que "a proclamação da Palavra na liturgia exige um coração bem-preparado, tanto do leitor quanto dos fiéis que a escutam" (cf. *Celebrando a Santa Eucaristia*). Assim, a disposição espiritual dos participantes influencia diretamente a recepção da Palavra e sua eficácia pastoral.

Neste contexto, a escuta assume particular importância teológica e pastoral. Assim como Moisés clamou no Sinai: "Ouve, Israel!" (Dt 6,4), também a Igreja convida os fiéis a escutar com os ouvidos do coração. Bento XVI sublinha que "a escuta da Palavra de Deus na celebração litúrgica deve acontecer na consciência de que se trata de um evento eclesial, que exige comunhão e participação" (*Verbum Domini*, 52).

A escuta comunitária da Escritura, em vez da leitura individual, promove a unidade, a contemplação e uma receptividade mais profunda à graça (*Verbum Domini*, 65). Somente quando surgem obstáculos práticos, como acústica deficiente ou deficiência auditiva, é que se deve utilizar auxílios litúrgicos, garantindo que todos possam ter acesso à Palavra proclamada.

A assembleia como ouvinte e respondente

Os fiéis, ao ouvirem atentamente, entram na dinâmica da revelação e

da resposta divinas. A assembleia litúrgica não se limita a receber informações, mas é moldada pela Palavra, que forma, convence, consola e fortalece. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, essa escuta é, em si mesma, um ato de culto, uma resposta de fé ao Deus que fala (CIC, 1101-1102).

A Liturgia da Palavra, portanto, não é um interlúdio antes da Eucaristia, mas um verdadeiro momento de comunhão com o Senhor. Pela escuta da Palavra, a fé nasce e se nutre (Rm 10,17).

O silêncio litúrgico que se segue às leituras desempenha uma função essencial: permite que a Palavra penetre profundamente no coração dos fiéis e dê frutos. Como enfatiza o Cardeal Robert Sarah, "o silêncio é o solo fértil onde a Palavra de Deus pode lançar raízes e transformar a alma" (cf. *A Força do Silêncio*).

A escuta comunitária expressa também a unidade da Igreja reunida em torno de Cristo, que está presente em Sua Palavra não menos do que em Seu Sacramento (SC, 7; *Verbum Domini*, 56). Bento XVI reforça essa verdade ao afirmar que "a Igreja não vive senão da Palavra de Deus" e que "toda a ação litúrgica está fundada na escuta da Palavra revelada" (*Verbum Domini*, 51).

Além disso, a resposta da assembleia à Palavra proclamada — seja por meio da aclamação ao Evangelho, do canto responsorial ou da profissão de fé — manifesta concretamente a participação ativa dos fiéis no mistério celebrado. Esse dinamismo litúrgico, enraizado na tradição apostólica, une o povo de Deus em um único louvor e adesão à verdade revelada.

3
O LEITOR LITÚRGICO

O Ministério do Leitorado

O ministério laical do leitor, ou Leitorado, é um ministério instituído na Igreja Católica, que consiste principalmente na proclamação pública da Palavra de Deus durante as celebrações litúrgicas, com exceção do Evangelho, que é reservado ao diácono ou ao presbítero (IGRM, 59; CDC, 767,1).

O ministério do leitor foi reafirmado pelo Papa Paulo VI em *Ministeria Quaedam* e expandido pelo Papa Francisco em *Spiritus Domini*, que abriu formalmente os ministérios instituídos de leitor e acólito às mulheres. O leitor é instituído por meio de um rito litúrgico específico, ordinariamente presidido pelo bispo diocesano. Neste rito, o candidato é abençoado e oficialmente incumbido da responsabilidade de proclamar as Escrituras na assembleia e de formar outros na compreensão da Palavra de Deus (*Ministeria Quaedam*; *Spiritus Domini*).

É importante distinguir entre o *leitor instituído*, que recebe este

ministério através do rito da instituição, e o *leitor leigo não instituído*, que pode ser temporariamente designado para proclamar as leituras na Missa quando um leitor instituído não estiver disponível (IGRM, 101). Ambos devem desempenhar esta função com reverência, competência e preparação espiritual, pois são chamados a serem instrumentos do Espírito Santo para tornar a Palavra "viva e eficaz" na comunidade (Hb 4,12).

Requisitos para a proclamação da Palavra na Missa

Nem todos estão aptos para a tarefa de proclamar a Palavra de Deus durante a liturgia. Não se trata de exclusão, elitismo ou valor pessoal, mas de respeito tanto à sacralidade da Palavra quanto à dignidade da assembleia.

Aqueles a quem essa função é confiada devem possuir:

- **Uma voz clara e inteligível**, adequada para a proclamação pública.
- **Boa dicção e ritmo**, evitando velocidade excessiva ou solenidade artificial.
- **Capacidade de ler em voz alta com compreensão**, transmitindo o significado do texto e não simplesmente recitá-lo (IGRM, 101; *Verbum Domini*, 59).
- **Maturidade espiritual e reverência**, demonstradas na preparação, oração e conduta.

Portanto, a formação não é um luxo opcional, mas uma necessidade pastoral. Cursos, ensaios e programas de formação não são formas de exclusão, mas atos de responsabilidade eclesial, garantindo que aqueles que servem neste ministério o façam com competência e devoção, em benefício de toda a Igreja.

O Cardeal Robert Sarah enfatiza: "Não devemos banalizar a proclamação da Palavra de Deus. A proclamação deve ser digna, inteligível e orante, caso contrário, os fiéis serão privados do alimento que Deus lhes oferece na liturgia" (cf. *O Poder do Silêncio*; *Verbum Domini*, 52).

A liturgia não é o contexto apropriado para treinamento ou experimentação. Assim como um sacerdote não aprende a celebrar a Missa durante a própria celebração, também o leitor não deve se aproximar do ambão sem a preparação adequada, sobretudo os muito jovens. O respeito devido à Palavra de Deus e aos fiéis reunidos exige o melhor de nossas habilidades, não apenas boas intenções.

Portanto, confiar a leitura a alguém despreparado não é apenas pastoralmente imprudente, mas também desrespeitoso para com a assembleia e para com o caráter sagrado da liturgia. Como afirma a Instrução Geral do Missal Romano, quem lê deve "ser verdadeiramente idôneo para desempenhar esta função e (...) estar cuidadosamente preparado" (IGMR, 101).

O leitor como Ministro da Palavra

O leitor litúrgico não realiza uma tarefa, mas cumpre um ministério — um serviço a Deus e ao Seu povo. Este ministério exige voz, treinamento, reverência e oração.

A proclamação da Palavra não é uma simples leitura, mas um ato litúrgico e sacramental, no qual o leitor é instrumento do Espírito Santo para tornar presente a voz de Deus à Sua Igreja. Como ensina Bento XVI, "a Palavra deve ser acolhida com fé viva, para que se torne eficaz na vida dos fiéis" (*Verbum Domini*, 59).

Proclamar bem a Palavra é um ato de amor à Igreja e um ato de fidelidade ao Deus que fala. O leitor é chamado a preparar-se não apenas tecnicamente mas também espiritualmente, para que sua proclamação seja clara, orante e profundamente enraizada na fé.

4
A PREPARAÇÃO DO LEITOR LITÚRGICO

Preparação espiritual

O leitor litúrgico não é meramente um comunicador de textos sagrados, mas um servidor da Palavra de Deus — uma Palavra "viva e eficaz" (Hb 4,12) que busca alcançar os corações dos fiéis em cada assembleia litúrgica. Para proclamar esta Palavra autenticamente, o leitor deve estar interiormente preparado, enraizado na oração e nos sacramentos, pois sua missão não é apenas transmitir palavras, mas ser um instrumento da Revelação.

A Igreja ensina que "sob o impulso do Espírito Santo, a Palavra de Deus se torna o fundamento da comunhão eclesial e uma fonte de renovação para a Igreja" (*Verbum Domini*, 3). Portanto, o leitor deve ser alguém que vive a Palavra, tornando-a parte de sua vida e espiritualidade. Isso requer:

- **Oração pessoal antes de cada celebração**, invocando o Espírito Santo para santificar tanto a proclamação quanto o coração de quem a ouve.
- ***Lectio divina***, ou leitura orante da Escritura, que permite ao leitor internalizar o significado espiritual do texto, proclamando-o não apenas com clareza, mas com convicção e reverência (CIC, 2708; *Verbum Domini*, 87).
- **Uma vida sacramental intensa**, especialmente a recepção frequente da Eucaristia e do Sacramento da Reconciliação, que aprofundam a comunhão com Cristo e purificam o coração para o ministério (CIC, 1385; IGMR, 101).

Como observa o Cardeal Robert Sarah: "Não se pode falar de Deus se não se fala com Deus. A proclamação flui da comunhão" (cf. *A Força do Silêncio*). A Palavra só pode se tornar fecunda quando é

primeiramente acolhida em silêncio e oração.

Preparação técnica

Embora a disposição espiritual seja essencial, a proclamação litúrgica exige também preparação técnica. Não se trata de uma performance teatral, mas de uma comunicação sagrada. O objetivo não é impressionar, mas garantir clareza, reverência e inteligibilidade, permitindo que a Palavra chegue com força aos ouvidos, e de lá ao coração e à inteligência dos fiéis.

A Instrução Geral do Missal Romano insiste que "os leitores, exercendo seu ministério, proclamam a Palavra de Deus aos fiéis reunidos. Portanto, devem ser verdadeiramente idôneos para desempenhar essa função e devem ser cuidadosamente preparados" (IGMR, 101).

Os principais elementos dessa preparação técnica incluem:

- **Clareza vocal**: O leitor deve cultivar uma voz forte, firme e clara, com respiração e projeção adequadas — especialmente em igrejas grandes, onde o som precisa ser transmitido mesmo com amplificação.
- **Pronúncia correta**: A articulação de nomes bíblicos, lugares e termos teológicos deve ser precisa. Erros podem obscurecer o significado do texto e desviar a atenção dos fiéis. Se necessário, um guia de pronúncia deve ser consultado antes da celebração.
- **Ritmo e entonação**: O leitor deve evitar monotonia ou exagero teatral. A Palavra de Deus é proclamada com dignidade, usando cadência natural e pausas adequadas, permitindo uma recepção reverente e uma melhor compreensão do significado do texto.

O objetivo não é a performance, mas a fidelidade. Como afirmou o Papa Bento XVI: "Para compreender a Palavra de Deus, é preciso ouvi-la, acolhê-la e deixá-la ressoar no coração. A voz que proclama deve servir ao texto, e não obscurecê-lo" (*Verbum Domini*, 59).

Além disso, o Cardeal Francis Arinze observa que "o leitor deve permitir que a Palavra fale, e não sobrecarregá-la com ênfases excessivas ou teatralidade desnecessária" (cf. *A Celebração da Santa Eucaristia*). A missão do leitor é ser fiel ao texto, sem buscar protagonismo pessoal.

O leitor como instrumento da Revelação

Tanto a preparação espiritual quanto a técnica são expressões de amor: por Deus, cuja Palavra está sendo proclamada, e pela Igreja, que a recebe com fé. O leitor não é um mero recitador, mas um instrumento da revelação divina, chamado a tornar audível a Palavra que salva e transforma.

Por isso, proclamar bem a Palavra não é um mero dever litúrgico, mas

um ato de amor à Igreja e um testemunho de fidelidade ao Deus que fala. O leitor, formado na oração e treinado na fala, se torna um servidor da Palavra, contribuindo para que o Evangelho ressoe com força e clareza na vida dos fiéis.

5
A VOZ DO LEITOR

A voz na liturgia deve ser clara e firme. Deve expressar e acompanhar o momento vivido. A voz usada para suplicar perdão não é a mesma que proclama o "Glória". A voz da Páscoa é jubilosa; a do perdão, sóbria. O "Glória" exige uma entonação vibrante; a meditação, uma tonalidade afetuosa.

Podemos classificar os tipos de voz litúrgica em quatro categorias, segundo sua função expressiva:

1. Voz Enfática (Proclamativa)

Gênero: Hino / Louvor.

Exemplo (Novo Testamento): Salmo 100 — "Aclamai o Senhor, terra inteira! Servi ao Senhor com alegria..."

Exemplo (Antigo Testamento): Êxodo 15,1-2 — Cântico de Moisés após a travessia do Mar Vermelho: "Cantarei ao Senhor, que triunfou gloriosamente..."

Uso: Leitura com entusiasmo, projeção e ritmo vibrante. Ideal para salmos de louvor, aclamações e textos pascais.

2. Voz Narrativa (Meditativa)

Gênero: Narrativa histórica.

Exemplo (Novo Testamento): Lucas 24,13-35 — Os discípulos de Emaús.

Exemplo (Antigo Testamento): Gênesis 22,1-14 — Abraão se dirige a Deus e obedece ao chamado para sacrificar Isaac.

Uso: Tom sereno, envolvente, que conduz à escuta atenta. A leitura deve respeitar o ritmo da história e suas pausas naturais.

3. Voz Grave (Admonitória)

Gênero: Profecia / Exortação.

Exemplo (Novo Testamento): Isaías 58,1-9 — "Grita bem alto, sem cessar, como trombeta..."

Exemplo (Antigo Testamento): Êxodo 20 — Moisés transmite os Dez Mandamentos ao povo, falando em nome de Deus.

Uso: Tom firme, com sobriedade e autoridade. Transmite urgência, chamado à conversão ou denúncia profética.

4. Voz Afetiva (Integradora)

Gênero: Epístola / Exortação pastoral.

Exemplo (Novo Testamento): Filipenses 4,4-7 — "Alegrai-vos sempre no Senhor..."

Exemplo (Antigo Testamento): 1 Reis 8,22-30 — O rei Salomão se

dirige a Deus em oração no Templo.
Uso: Mistura de calor humano e clareza. Ideal para textos que exortam com ternura, encorajam ou consolam.
Importante: uma mesma leitura pode conter múltiplas vozes
Em muitos textos bíblicos, o leitor assume diferentes papéis:
Narrador: voz neutra, descritiva, que conduz a história.
Deus: voz solene, firme, com autoridade e reverência.
Profeta ou personagem: voz que expressa emoção, súplica, denúncia ou louvor.
Povo: voz coletiva, que pode ser de murmúrio, clamor ou exaltação.
Exemplo clássico: Êxodo 3,1-12
O narrador descreve a cena da sarça ardente (voz narrativa).
Deus fala com Moisés (voz grave e solene).
Moisés responde com temor e humildade (voz afetiva ou reflexiva).
Essa alternância de vozes deve ser sutil, mas perceptível; não teatral, mas respeitosa e expressiva. Ela ajuda a tornar viva a Palavra proclamada.
Na proclamação das leituras, deve-se prezar pela articulação cuidadosa, atenção às pausas (vírgulas e pontos), variação na entoação, e respeito aos sinais da linguagem escrita. Evite acelerar o ritmo. A clareza e o envolvimento da assembleia são mais importantes do que a brevidade.
As vírgulas indicam breves pausas, como um aviso de mudança de direção. Os pontos finais demandam interrupção maior, como uma parada completa.
Ao encerrar, o leitor deve fazer uma pausa um pouco mais longa do que a usada na mudança da parágrafo, e então proclamar solenemente: "Palavra do Senhor". Essa frase deve ser dita com convicção e encerrada com ponto final, não como se esperasse a resposta da assembleia, que é uma manifestação independente: "Graças a Deus". Evite dizer "Leitor: Palavra do Senhor... Assembleia: ... Graças a Deus", como se fizesse parte da leitura. São duas falas distintas, cada uma com sua intenção e dignidade.

6
A VESTIMENTA E A POSTURA DO LEITOR NO AMBÃO

Postura e atitude no ambão
O leitor é um instrumento para a proclamação da Palavra de Deus, e sua apresentação deve refletir dignidade, reverência e respeito.
Ao proclamar a Escritura, espera-se que o leitor:

- **Mantenha uma postura reverente e composta no ambão**, evitando gestos exagerados que desviem a atenção do conteúdo da leitura.
- **Se concentre na proclamação e demonstre**

dedicação, lembrando que o leitor não está apenas "lendo", mas permitindo que o Espírito Santo toque os corações dos fiéis por meio da Palavra (CIC, 1100).

- **Projete sua voz e articule claramente**, garantindo que a Palavra seja proclamada de forma audível e compreensível para toda a assembleia (IGMR, 38).
- **Ore antes da leitura**, pedindo a Deus que a proclamação seja feita com fé e reverência (SC, 14).

O leitor não é protagonista, mas servo da Palavra. Como destaca o Papa Bento XVI, "a Palavra deve ser acolhida com fé viva, para que se torne eficaz na vida dos fiéis" (*Verbum Domini*, 59).

Quanto à vestimenta, o leitor seguirá o costume da comunidade: onde for habitual o uso da alva ou de vestes paroquiais próprias (como opas ou túnicas adotadas pela paróquia), ele as utilizará; onde não houver esse costume, apresentar-se-á com roupa civil discreta e digna, adequada ao culto.

7
O USO DO LECIONÁRIO

Os livros litúrgicos e a unidade da Igreja

A Igreja, desde os primeiros séculos, sempre celebrou a fé com base em livros litúrgicos que garantem a fidelidade, a ordem e a unidade do culto cristão. Entre esses livros, são fundamentais:

Missal Romano: contém as orações, preces e rubricas (instruções) para a celebração da Santa Missa. É o livro do presidente da celebração (bispo ou presbítero). O correto uso do Missal Romano é definido na *Instrução Geral do Missal Romano*.

Lecionário: reúne as leituras bíblicas proclamadas na missa, organizadas conforme o ano litúrgico, os tempos e as celebrações. É o livro do leitor e do salmista.

Evangeliário: reúne exclusivamente os textos dos Evangelhos proclamados nas celebrações litúrgicas ao longo do ano. Embora o evangelho também esteja presente no lecionário, o evangeliário é reservado para ocasiões solenes e tem um valor simbólico especial, pois representa a presença viva de Cristo que fala à sua Igreja. Por isso, somente o presbítero ou o diácono pode proclamar o Evangelho a partir do evangeliário.

O evangeliário é usado principalmente nas solenidades e festas, especialmente quando há procissão do Evangelho. Nesses momentos:

- O diácono leva o evangeliário do altar até o ambão, precedido por velas e incenso, se houver.
- Após a proclamação, o diácono o apresenta ao celebrante, que beija o livro como sinal de veneração.

- Em seguida, o celebrante abençoa a assembleia com o evangeliário, expressando que a Palavra de Deus é fonte de bênção e vida.

O uso correto desses livros não é apenas uma questão de organização, mas de fidelidade à missão da Igreja. Celebramos a liturgia como foi prescrita pela autoridade divinamente instituída — o Magistério da Igreja fundada por Cristo sobre os apóstolos e guiada pelo Espírito Santo. Além disso, celebrar a mesma fé, com o mesmo rito e as mesmas leituras em todo o mundo é sinal visível da unidade da Igreja, que é una, santa, católica e apostólica.

Os Ritos da Igreja

A Igreja Católica é composta por várias tradições litúrgicas, chamadas *ritos*. Todos professam a mesma fé, mas celebram de formas diferentes, conforme suas culturas e histórias. Entre os principais ritos, estão:

Rito Romano: o mais difundido no mundo, usado na maioria das paróquias católicas, especialmente no Ocidente.

Ritos Orientais: como o Bizantino, Maronita, Caldeu, Copta, entre outros, com suas próprias línguas, cantos e tradições litúrgicas.

Aqui nos concentramos no Rito Romano, especialmente na forma ordinária do Missal Romano promulgado por São Paulo VI, reformado por São João Paulo II e atualizado por Bento XVI e Francisco, em uso desde 1970.

O Lecionário Romano

O Lecionário é o conjunto de livros litúrgicos que contém as leituras bíblicas proclamadas nas missas e celebrações da Palavra. Ele está dividido em quatro volumes principais:

Lecionário Dominical

- Usado nos domingos e solenidades.
- Organizado em três ciclos: Anos A, B e C.
- Contém duas leituras, salmo responsorial e Evangelho.

Lecionário Semanal

- Usado nas missas dos dias da semana (segunda a sábado).
- Ciclo bienal: Ano Ímpar e Ano Par.
- Leituras variam conforme o tempo litúrgico.

Lecionário para as missas dos Santos, dos comuns, para diversas necessidades e votivas

Usado nas memórias, festas e solenidades dos santos e em celebrações especiais não classificadas como festas ou solenidades, como:

- Missas votivas (ex.: pela paz, pelo Espírito Santo).
- Missas pelas necessidades (ex.: pelos enfermos, pelos governantes).

- Missas rituais (ex.: batismo, casamento, ordenação).
- Comemorações universais com missa própria (ex.: Finados, Quarta-Feira de Cinzas).

Como saber qual usar?

Antes de abrir o Lecionário, verifique:

- Hoje é domingo, dia da semana ou festa/solenidade/ comemoração especial?
- Estamos em qual tempo litúrgico (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Tempo Comum)?
- Qual é o ano litúrgico (A, B ou C — em 2025, estamos no Ano C)?
- Em caso de dúvida, consulte o folheto da missa, o calendário litúrgico da paróquia ou o celebrante.

Exemplos:

- Se for domingo comum, como o 31º Domingo do Tempo Comum, use o *Lecionário Dominical*.
- Se for terça-feira da 29ª semana do Tempo Comum, use o *Lecionário Semanal*.
- Se for 2 de novembro (Finados), use o *Lecionário de Missas Diversas*, mesmo que seja domingo.

Como localizar as leituras?

- Vá ao índice do Lecionário.
- Procure pelo tempo litúrgico e o dia específico.
- Se for uma solenidade ou festa, procure diretamente pelo nome da celebração.
- Confirme se há leituras próprias (não seguem o ciclo comum).

Tipos de celebrações litúrgicas e o uso do Lecionário

Nem todas as celebrações litúrgicas seguem o mesmo padrão. Algumas são universais, outras nacionais ou locais, e isso influencia diretamente qual Lecionário deve ser usado e como localizar as leituras.

1. Celebrações Universais com Missa Própria (sem ser solenidade ou festa)

Além das solenidades e festas, há comemorações universais que, embora não tenham esse grau litúrgico, possuem formulário próprio de missa e leituras específicas. Essas celebrações são importantes na vida da Igreja e exigem atenção especial dos leitores, pois não seguem o ciclo comum.

Todas usam o Lecionário de Missas Diversas ou o Lecionário Santoral, conforme indicado no índice.

Comemorações Universais com Missa Própria:

- Quarta-feira de Cinzas.
- Domingo de Ramos.

- Quinta-Feira Santa – Missa da Ceia do Senhor.
- Sexta-Feira Santa – Celebração da Paixão.
- Vigília Pascal.
- Dia de Todos os Santos (1º de novembro).
- Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos (2 de novembro – Finados).
- Dedicação da Basílica de Latrão (9 de novembro).
- Dedicação das Basílicas de São Pedro e São Paulo (18 de novembro).

Nota: embora o Sagrado Coração de Jesus seja uma solenidade, suas leituras são próprias e não seguem o ciclo dominical.

Como localizar:

- Consulte o índice do Lecionário e procure diretamente pelo nome da comemoração.
- Não use o tempo comum ou o ciclo A, B ou C — essas leituras são fixas ou opcionais, conforme o Missal e o Lecionário.

2. Celebrações Nacionais

São celebrações aprovadas pela conferência episcopal de cada país, celebradas em todo o território nacional.

Exemplos no Brasil:

- Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro) – Padroeira do Brasil.
- São José de Anchieta (9 de junho) – Padroeiro secundário.

Como localizar:

- Procure no Lecionário Santoral ou consulte o Ordo Litúrgico Nacional publicado pela CNBB.
- Em alguns casos, as leituras podem estar em apêndices ou suplementos.

3. Celebrações locais (diocesanas ou paroquiais)

São celebrações específicas de uma diocese, cidade ou paróquia, aprovadas pelo bispo local.

Exemplos:

- Padroeiro da cidade ou da paróquia.
- Dedicação da igreja local.
- Missas votivas em datas especiais.

Como localizar:

- Consulte o Ordo Litúrgico Diocesano ou o calendário da paróquia.
- As leituras podem estar no Lecionário Santoral ou no volume de Missas Diversas
- Em caso de dúvida, o celebrante indicará as leituras diretamente.

Dicas práticas

Se a celebração não estiver no índice principal, procure:

- Apêndices no final do Lecionário.
- Seções de Missas Votivas ou Missas pelas Necessidades.
- O folheto da missa, o Ordo Litúrgico ou o celebrante.

Checklist

- Confirme com o celebrante se há alguma leitura especial (ex.: batismo, bênção, missa votiva).
- Verifique o tipo de missa (domingo, semana, festa, solenidade, missa própria).
- Escolha o Lecionário correto.
- Confirme o tempo litúrgico e o ano.
- Localize a leitura no índice.
- Abra na página certa.
- *Não leia os textos em vermelho* (são instruções).

8
A REALIDADE PASTORAL NO BRASIL

Embora o ministério instituído de leitor exista na Igreja Católica, não é amplamente praticado no Brasil. A maioria das dioceses não institui formalmente leitores, e a proclamação da Palavra de Deus na liturgia é frequentemente realizada por leitores leigos não instituídos, escolhidos de maneira informal.

Práticas comuns nas paróquias brasileiras

- **Grupos de leitores não instituídos**: Muitas paróquias organizam equipes de leitores, que recebem alguma formação básica, mas sem a instituição formal do ministério.
- **Escolha espontânea na porta da igreja**: Em algumas comunidades, especialmente onde há menos organização litúrgica, é comum que os leitores sejam escolhidos no momento da celebração, sem preparação prévia. Isso pode comprometer a qualidade da proclamação, pois nem sempre a pessoa escolhida tem boa dicção, compreensão do texto ou preparação espiritual.
- **Falta de formação estruturada**: Embora algumas dioceses ofereçam cursos para leitores, não há uma exigência universal para que todos os leitores passem por um treinamento formal antes de exercer a função.

O que a Igreja orienta?

A Instrução Geral do Missal Romano enfatiza que os leitores devem ser verdadeiramente idôneos e cuidadosamente preparados para

proclamar a Palavra de Deus (IGMR, 101). Além disso, o Concílio Vaticano II reforça a necessidade de uma participação consciente e ativa dos fiéis na liturgia (SC, 14).
O ideal seria que os leitores fossem preparados adequadamente, tanto espiritualmente quanto tecnicamente, para garantir que a Palavra seja proclamada com clareza, reverência e compreensão. Algumas dioceses já promovem formação litúrgica, mas ainda há um longo caminho para que essa prática se torne universal no Brasil.

A Igreja vive da Palavra de Deus e dela recebe força e inspiração para sua missão. A proclamação das Escrituras na liturgia não é uma simples leitura, mas um verdadeiro encontro com Cristo, que fala ao seu povo. Por isso, aqueles que exercem o ministério da Palavra devem fazê-lo com reverência e clareza, conscientes de que são instrumentos para que a voz de Deus ressoe na assembleia.

— Carta do Papa Bento XVI ao Cardeal Francis Arinze, 2006.

PARA SABER MAIS E MELHOR

Cardeal Francis Arinze. *Celebrando a Santa Eucaristia*. Sobre os aspectos litúrgicos da Missa, incluindo a preparação e postura dos leitores.
Cardeal Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI). *Introdução ao Espírito da Liturgia*. Sobre a teologia litúrgica e a participação dos leigos na celebração.
Cardeal Robert Sarah. *A Força do Silêncio*. Sobre a reverência e o respeito na liturgia, incluindo a postura dos leitores e a necessidade de evitar a clericalização do ministério leigo e enfatizando a necessidade de uma proclamação digna da Palavra de Deus. Ed. Fons Sapientiae.
Catecismo da Igreja Católica. Compêndio doutrinal que, em sua exposição sistemática e exaustiva da Fé Católica, aborda também a liturgia e os ministérios leigos, especialmente na seção sobre a celebração do mistério cristão.
Código de Direito Canônico. Legislação sobre os ministérios litúrgicos e a identidade dos ministros ordenados e leigos.
Concílio Vaticano II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia.
Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina.
Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja.
Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano* (IGRM) — Normas oficiais sobre a celebração da Missa, incluindo disposições sobre a proclamação da

Palavra de Deus e o papel do leitor.
Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Instrução *Redemptionis Sacramentum* sobre a reverência devida à Eucaristia, mencionando a necessidade de vestimenta adequada para os Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística.
Congregação para os Ritos. Instrução *Inter Oecumenici* sobre a aplicação da reforma litúrgica, abordando as funções litúrgicas exercidas pelos fiéis leigos.
D. García Colombás, OSB. *Diálogo com Deus*. Sobre a *Lectio Divina*, a leitura orante da Sagrada Escritura. Ed. Paulus.
Papa Bento XVI. Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia, destacando a Liturgia da Palavra como parte essencial do encontro com Cristo na Missa.
Papa Bento XVI. Exortação Apostólica *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, abordando a importância da proclamação litúrgica e a preparação espiritual dos leitores.
Papa Francisco. *Spiritus Domini — Motu Proprio* que modificou o cânon 230 §1 do Código de Direito Canônico, permitindo que mulheres tenham acesso institucional aos ministérios de Leitorado e Acolitato.
Papa Paulo VI. *Ministeria Quaedam — Motu Proprio* que reformou a disciplina da Igreja Latina relacionada às ordens menores e ao subdiaconato, trazendo mudanças significativas na estrutura dos ministérios e na participação dos leigos.
Paróquia de Barcelos (Braga, Portugal). *O Serviço do Leitor na Liturgia*. Sobre a prática dos leitores litúrgicos e a necessidade de preparação adequada.
Pe. Silvio Sassi. “Educar para a Leitura Litúrgica”. *In*: *Revista Vida Pastoral* (n. 276, 2011), sobre a realidade dos leitores improvisados e a falta de formação estruturada nas paróquias brasileiras.

* * *

Do mesmo autor

Série **O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz**:

— para a Santa Missa;

— para o Leitor Litúrgico;

— sobre a Bíblia;

— para o Santo Rosário (com um estudo sobre a *Sub tuum praesidium* — a primeira oração mariana);

— para a Via-Sacra;

— sobre as Indulgências.

Série **Antiga Aliança:**

Tobias — O Livro da Misericórdia

O Livro de Jó